

**DOSSIÊ TEMÁTICO****DE QUE MANEIRA ELAS JOGAM FUTEBOL:
PASSOS METODOLOGICOS PARA PESQUISAS TEMATIZANDO
GÊNERO E ESPORTE**Bruna Saurin Silva¹


Resumo: Este texto tem como objetivo descrever um contexto de ensino-aprendizagem-treínamento do futebol para meninas, buscando compreender a produção de sentido e os fatores que contribuem para a mobilização para o jogo. Para tanto, refletimos sobre ferramentas utilizadas para a observação deste um campo, tendo o marcador de gênero como um de seus objetos principais. A partir de um olhar para o campo revestido pelas lentes da etnografia e pautado por uma análise baseada em Bernard Charlot apontamos para maneiras singulares de se vivenciar o esporte e propomos uma leitura que supere a descrição dos sujeitos, e que seja capaz de promover espaços mais acolhedores para o acesso de meninas na modalidade.

Palavras-chave: Gênero; Esporte; Pedagogia do esporte.

LANCES INTRODUTÓRIOS

A academia pode ser entendida como um espaço social dotado de diversos sentidos sociais, saberes e linguagens que são cotidianamente (re)produzidos e (re)significados. Dentro deste contexto, os sujeitos ali inseridos (alunos, professores, pesquisadores, seres sociais...), defrontam-se com a necessidade de câmbios de comportamento, de escrita, de fala entre outras coisas, o que dá uma ideia de diferentes tipos de produções para cada um desses sujeitos distintos.

¹ Mestranda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bacharel (2018) e Licenciada (2017) em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho. Integrante do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) - UFES.




Refletir sobre isso ajudará a compreender a refletir alguns passos metodológicos, os quais apresentarei mais adiante. Inicialmente adianto que essa ideia de diferentes tipos de comportamentos para escrita e composição dos dados empíricos, me fez refletir sobre meus estudos e sobre o olhar para o campo com o qual trabalhei. Desta forma, abordarei e discutirei os pontos propostos para esse artigo a partir das experiências que tive dentro do campo como pesquisadora, mas que ora foi atravessada por minhas experiências enquanto aluna, atleta, professora e ser humano.

Considero importante demarcar, não somente as ferramentas metodológicas utilizada para o para confeccionar os dados sobre o campo estudado, mas também descrever minhas dificuldades e conquistas, aproximações e distanciamentos ao longo de aproximadamente um ano de trabalho a cerca de uma temática e de atores participantes de um contexto delicado/raro/instável/incerto. Afinal, trabalhar com meninas dentro do futebol, consiste em acreditar na existência e permanência de espaços destinados a elas dentro da modalidade, contar com a resiliência das meninas em seguir apesar dos infortúnios e ao mesmo tempo lidar com o fato de que estes espaços estão sempre por fio.

Refletir sobre a educação esportiva atravessada pelo marcador de gênero, significou ir além da comparação entre meninas e meninos, mas compreender como as diferentes representações construídas cultural e historicamente agem sobre as práticas corporais realizadas por ambos, assim como influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do esporte e na existência e permanência de espaços destinados para o tal.

Assim, a fim de pensar caminhos metodológicos para pesquisas que tematizem gênero, tentarei elucidar de que maneira a etnografia surgiu como ferramenta de composição e interpretação dos dados, e colaborou para o entendimento do campo estudado. Não me aprofundarei muito em conceituar etnografia, mas tentarei trazer alguns pontos principais dessa ferramenta científica para contextualizar a utilização dela em meus estudos, ou seja, o olhar que construí como pesquisadora para vislumbrar o campo estudado.

A etnografia segundo Magnani (2009) teve seu início marcado pelo desejo dos povos já em processo de “civilização” em desbravar o desconhecido, descortinar novos mundos, desvendar o outro, conhecer o que se escondia para além dos grandes mares.



Neste contexto, através das grandes navegações exploratórias e de viajantes que se aventuravam no ímpeto do descobrimento, se fez possível encontrar outras formas de existência. Essas viagens ficaram marcadas pelo confronto² entre os ocidentais ditos “civilizados” e outros povos desconhecidos, com diferentes formas de organização social e cultural.

Diante da eminência da existência de outros povos, distintos em suas formas comportamentais e de existência, surge a necessidade de compreendê-los, primeiramente a partir de um viés colonizador, um olhar que os colocava em uma posição de “o outro”, de selvagens, que deveriam ser “domesticados”. Esse olhar, com o passar do tempo e com o aprofundamento dos estudos etnográfico, assume um caráter mais investigativo. Neste contexto, compreender outras formas de organizações ajudaria também numa melhor compreensão de si próprio enquanto sociedade.


Observar tipos de existência diferentes das que lhe era de costume, relatar esses modos de vida em diários de campo e interpretar esses relatos como meio de modificar também seu próprio meio se tornou a prática realizada por aqueles que passamos a chamar de etnógrafos. Essa mudança de olhar para o objeto de estudo indicou o início de um avanço nas pesquisas feitas com estes moldes.

Outro ponto importante para uma mudança epistemológica desse modo de fazer pesquisa, foi o movimento de saída do pesquisador dos escritórios. As monografias que eram antes escritas com base em diários de exploração realizados por terceiros, começaram a ser substituídas por estudos, os quais o campo era também parte do trabalho do etnógrafo. Os estudos feitos dessa maneira permitiam assim uma descrição muito mais fidedigna do campo, pois unia observação e escrita ambas feitas pelo mesmo sujeito.

A partir dessa construção do campo etnográfico, outras conformações, outros conceitos e formas de fazê-la continuaram surgindo, mas raramente se afastaram da fórmula composta por: *campo + observação + pesquisador*.

OBSERVANDO O CAMPO: DE FUTEBOL

² Utilizo a palavra confronto aqui não no sentido corporal (não negando a sua existência) mas no sentido de choque e descobrimento de outras formações humanas.



A pesquisa em questão, teve como ponto de partida pensar as questões de gênero a partir de um campo específico. O local escolhido para o tal era compreendido como um dos únicos espaços destinados ao treinamento de futebol com turmas exclusivas para meninas na região da grande Vitória no estado do Espírito Santo. Esse estudo teve como objetivo inicial descrever o dia a dia desse espaço considerado diferenciado por oferecer além de turmas masculinas, aulas sistematizadas destinadas também para meninas. Ademais, foi importante também entender como as alunas se relacionavam com o saber dentro daquele espaço, tornando um dos focos principais de investigação o ensino-aprendizagem-treinamento, considerando-o um fator importante de mobilização no sentido de agregar um número tão significativo de meninas.

O local no qual acabava de adentrar possuía uma infraestrutura invejável, com diversas quadras e um campo de grama sintética (tão perfeito que a primeira sensação era a de tocá-lo, o que eu e as outras garotas fazíamos sempre que possível). Estar presente ativamente em um espaço tão comumente masculino e de exclusão para meninas e mulheres, parecia ser o estopim de uma reação de euforia, causada em mim e muito provavelmente nas meninas também, o que me fazia crer como pesquisadora e amante do futebol que a estrutura do local pesquisado seria com certeza um dos pontos favoráveis para presença de um número tão grande de meninas.

Após conhecer os responsáveis pela estrutura da escolinha e conhecer formalmente os espaços, e as propostas de ensino, tive a oportunidade de ilustrar o desenho de pesquisa pensado para ser realizado ali. Após essa conversa eu já possuía acesso a todos os espaços referentes a escola de futebol, assim como um uniforme que me identificava como parte daquela equipe. Este uniforme servia somente para otimizar a identificação e logística da escola, porém ao longo do processo fez com que eu fosse confundida por diversas vezes como professora da instituição.

Nas primeiras vezes que me acerquei dos arredores das quadras, causei certo desconforto e curiosidade. Perambulava pelos espaços de treinos sem que professores e alunas compreendessem minha função ali. Até o momento da minha apresentação era visível alguns olhares de estranhamento. Porém, meio a olhares desconfiados iniciei também o que seria a grande mudança em relação ao meu objeto de pesquisa.


O espaço no qual me inseri era majoritariamente de meninas. Acompanhava inicialmente três turmas com aproximadamente 10 meninas em cada uma, esse número

foi aumentando gradativamente no decorrer do processo e ao final participavam das aulas aproximadamente 45 meninas. A faixa etária das participantes era de 5 a 15 anos. Elas participavam de aulas que tinham uma hora de duração.

No entanto, a parte que me cabia dentro daquele ambiente era destinado a comissão técnica, formada exclusivamente por homens. O fato de ser a única mulher num espaço masculino me deixava desconfortável, e o fato de trabalhar com futebol, espaço também considerado como masculino, fazia com que esse desconforto aumentasse ainda mais. Porém em relação às alunas, esse sentimento era inversamente proporcional. Dentro do contexto feminino, ser mulher proporcionava um estreitamento de laços e de identificação com as meninas. Lidar com elas era confortável e fácil, e algumas delas possuíam comigo mais liberdade de diálogo. Acrescentaria ainda que a o fato de ser mulher em um espaço de professores homens por vezes me colocava em um lugar de representação aos olhos delas.

A ideia inicial de permanecer por seis meses naquela instituição foi se modificando ao passo que ganhava mais confiança, autonomia e liberdade para trabalhar ali. Ao mesmo tempo que construía esse espaço dentro do campo e alargava meu tempo de estadia ali, algumas inquietações em relação aos questionamentos iniciais começavam a surgir, fazendo com que fosse necessário novas considerações em termos metodológicos. As constantes observações durante os treinos deixaram em suspeição uma das principais hipóteses pensadas para essa pesquisa. O passar dos dias e o tempo de imersão naquele ambiente me tornaram pouco mais sensível, permitindo-me compreender que talvez o tipo de treinamento realizado com as meninas não diferia tanto dos treinamentos dos meninos por exemplo, tampouco era diferente do que vinha sendo realizado em outros espaços destinados ao mesmo fim. As dúvidas que pairavam sobre essa questão foram ganhando consistência, e conforme se solidificava exigia para essa pesquisa outras fontes de informação, estudos e ferramentas metodológicas para a compreensão de tal fenômeno, deixando claro a necessidade de novas lentes para observar aquele espaço.

Diante disso, propomo-nos a reavaliar e a pensar possíveis mudanças capazes de abarcar novos sentidos dados à pesquisa. Assim, o que antes nos parecia importe – a metodologia de treinamento utilizado – passou a ser secundário, trazendo dessa forma o foco para as meninas em contexto de ensino-aprendizagem-treinamento. Essa mudança




nos levou à compreensão de que para entender aquele espaço e como ele havia se consolidado era necessário primeiramente compreender os sujeitos ativos neste contexto. Desta maneira, entender as atletas envolvidas naquele contexto se fez tarefa primordial para nossos estudos. Compreender os sentidos construídos dentro das quatro linhas (seus gostos, gestos, formas de vivenciar o futebol) e os significados dados por elas acerca das atividades que realizavam ali, tornou-se objetivo principal da pesquisa. Percebê-las parte ativa de uma diversidade de agenciamentos presentes naquelas práticas e naqueles espaços, passou a ser uma tarefa fundamental para encontrar as respostas almejadas. Assim como identificar possíveis interdições culturais que atravessassem suas vivências dentro da modalidade.

Em virtude dessas mudanças, outras problemáticas passaram a nortear nossos caminhos de investigação. Frente às experiências vividas por elas ali, passamos a questionar sobre como elas aprendem a jogar? Como negociam com essas heranças culturais e as desigualdades de oportunidades, e conferem sentido para a prática? Que fatores influenciam na relação com esse saber? Desta forma, buscávamos compreender os diferentes sentidos produzidos nas aulas/treinos e as diferentes formas de mobilização e de não-mobilização das meninas para o futebol.

Para a construção de um arcabouço teórico que nos ajudasse a responder a esses questionamentos, buscamos na obra “Da relação com o saber: elementos para uma teoria escrita” do autor francês Bernard Charlot, apontamentos para refletir sobre os saberes construídos acerca do futebol. Em sua obra Charlot (2000) propões uma inversão de olhares entre o ensinar e o aprender, propondo um olhar mais atento acerca do aprender, pois para o autor as vivências dos alunos dentro e fora dos ambientes de ensino e o sentidos construídos por eles a partir dessas experiências seriam responsáveis pela construção de um saber, oriundo da integração entre o ensinar e o aprender. O professor neste caso seria o responsável por provocar mudanças nestes alunos que fossem capazes de promover uma ligação de sentidos entre as experiências vividas pelos alunos e os ensinamentos proposto por ele. Desta forma, a relação entre o aluno e o professor, entre o ensinar e o aprender deveria se dar de maneira tal que desencadeasse neste processo a mobilização para o aprendizado e, no caso do futebol, treinamento.

Apoiar-nos nas ideias de Charlot sobre os sentidos e significados construídos em torno do saber futebol nos exigiu uma maior aproximação e aprofundamento no campo



estudado. Nossas tentativas de relacionar as ações das alunas, suas falas, suas expressões, aos sentidos e significados empregados por elas frente ao conteúdo ensinado, nos permitiu uma forte relação com aquele espaço e com o público ao mesmo tempo que nos exigiu também uma observação mais densa, subjetiva e descritiva dos acontecimentos. Desse vínculo mais denso com o campo estudado surge também a explicação para o nosso flerte com estudos de bases etnográficas.


Por fim, amparadas por novas perspectivas teóricas, construímos outros caminhos para a pesquisa em questão. As observações e notas feitas em diário de campo passaram a compreender diferentes aspectos ligados a produção de sentido em torno daquelas vivências. Assim como se fez necessário também pensar em novas ferramentas para a captação dos dados e de interlocução com as meninas.

FUTEBOL, UM JOGO QUE SE JOGA: NO CAMPO

A partir da ideia de que existem diversas formas de se jogar e fruir o futebol, debruço-me em apresentar alguns lances dessa pesquisa. Para o tal, considerarei inicialmente condições, circunstâncias e comportamentos que se desdobraram em fatores favoráveis, desfavoráveis ou que produziram situações ambíguas para a mobilização das alunas em relação à prática do futebol. Utilizo para o tal um recorte das observações que abarca turmas com meninas de idade entre 6 a 9 anos.

De que maneira elas jogam o jogo...de futebol?

Olhar para as práticas realizadas naquele espaço exigiu de nós certo distanciamento em relação ao futebol conhecido como prática hegemônica. Esse distanciamento nos foi necessário por entender que o significado dado a prática do futebol está ligado diretamente com a maneira em que ele é jogado no alto rendimento. Dessa maneira, jogar futebol na maioria das vezes é feito seguindo estritamente esses critérios, respeitando as regras oficiais, imitando os símbolos existentes e classificando corpos como aptos ou inaptos para a prática, a partir do seu desempenho em comparação com as altas performances vistas na televisão. Assim, as formas de se jogar futebol que diferem desse modelo são consideradas, inválidas, tornando muitas vezes a




prática desse esporte, e de muitos outros, excludentes e impossíveis para certos públicos. Essas comparações acabam dificultando a compreensão de formas de jogar que fogem ou se distanciam do modelo do alto rendimento. Entender que as formas de se vivenciar e fruir o esporte são diversas e ocupam diferentes espaços (formais e não formais) nos ajudou a perceber de outra maneira o jogo de futebol desempenhado pelas meninas participantes dessa pesquisa. Durante os jogos era possível perceber diversas formas de se jogar futebol sendo performatizadas por elas, assim como os diferentes significados atribuídos àquela prática.

Gols Pró: Elementos favoráveis à mobilização das alunas

A separação de meninas e meninos era vista pelos familiares e também pela direção da escolinha como positiva, pois segundo eles diversos critérios como: habilidade, força, agilidade, os separavam, ou seja, estes naturalizavam uma suposta diferença sexual nas possibilidades físicas de meninas e meninos, apontando para uma “essência interna natural dos sexos” (MESSNER, 2000, p. 770). Durante a observação foi possível notar que esta separação gerava um espaço favorável, todavia por outros motivos. Nos treinos protagonizados pelas meninas, era possível notar altos níveis de competitividade, força, velocidade, dando às justificativas apontadas pelos pais e direção um tom de incoerência. No entanto, a mobilização era propiciada por um espaço habitado por pessoas que partilhavam ou conseguiam edificar vínculos afetivos durante o jogo. Durante os treinos elas normalmente comemoravam gols se abraçando (inclusive gols adversários), elogiavam sempre as jogadas bonitas, tanto das companheiras como das adversárias, e se desculpavam sempre umas com as outras em lances mais duros. Nos momentos em que lhes deliberavam a tarefa de formar times elas priorizavam a escolha de uma “amiga” em detrimento de uma jogadora considerada habilidosa. Este fato também era mediado por elas, ocorrendo ora sim, ora não.

Por vezes as meninas transformavam os momentos de treino em brincadeiras. Durante as filas ou em momentos de ócio durante os jogos, elas demonstravam suas habilidades de ginástica e *ballet*, realizando “estrelinhas” e outras manobras. Por vezes realizavam passos de dança, enquanto outras recriavam jogos com a bola. Esses momentos deixavam claro que as experimentações exteriores àquele espaço de




treinamento também repercutiam e atravessavam seus modos de vivenciar o futebol, de modo que o sentido criado para aquele esporte era permeado pela bricolagem das práticas com as quais elas se identificavam (CHARLOT, 2000). Deste modo, este espaço bricolado de aprendizagem do futebol, era também um pedacinho ativo para diversas outras práticas (OLIVEIRA; DAOLIO, 2014), contrariando discursos que afirmam que meninas são pouco ativas porque não partilham o gosto por práticas corporais.

Esse espaço de exclusividade corroborou para um ambiente esportivo possível, no qual elas redesenharam suas práticas de acordo com suas demandas, construindo novos sentidos e significado em torno da modalidade, sem que o treinamento deixasse de acontecer. Portanto, a existência de um espaço, sem interferências ou cobranças de serem boas ou más jogadoras, se desenhou como um fator mobilizador para a participação delas. A construção desse ambiente seguro, possibilitava que elas se expressarem e agissem de acordo com suas demandas, criando um espaço de empoderamento, o qual elas escolheram estar (OLIVER; HAMZEH; MCCAUGHTRY, 2009).

Os momentos de treinamento além de colocá-las semanalmente frente a um ambiente sistematizado de treinamento, também lhes conferiram um espaço de acolhimento dentro da modalidade, ou seja, além de treinarem, as meninas eram também estimuladas semanalmente a se aventurarem, conhecerem e se apropriarem da modalidade, conferindo não somente aos treinos de fundamento e coletivos o mérito de suas evoluções, mas também aos momentos em que “brincavam” de jogar futebol fora do horário de treinamento.

Gols contra: Elementos de uma possível (des)mobilização das meninas

Durante as observações elementos se mostraram como fatores de (des)mobilização para a prática do futebol. O primeiro deles tem a ver com a divisão de turmas, feito por idade. Essa separação contribuía para a formação de grupos heterogêneos principalmente em relação à leitura de jogo. Os diferentes níveis de jogo presente naquele grupo causavam desconforto para as meninas iniciantes, que ainda não desenvolviam as capacidades de jogo necessárias ao passo que promovia também certa



desmotivação entre as mais experientes, que não conseguiam jogar devido a desigualdade de nível dentro da própria equipe. Pensemos juntos: quando falamos que a divisão por idades é negativa, em última instância, estamos questionando uma tese que naturaliza os corpos, que afirma que corpos têm um determinado tipo de rendimento em cada estágio de desenvolvimento. Esse tipo de questionamento, pode se desdobrar, em algum momento num questionamento acerca da própria separação entre meninos e meninas.

Outro ponto de desmobilização, era a utilização de filas para ensino dos “fundamentos”. Essa opção analítica de treino, fruto da compreensão de aprendizado por meio de repetição de gestos técnicos, se apresentava como uma ambiguidade para a mobilização. Por um lado, os longos momentos de filas eram desmotivantes, por outro, serviam para produzir sentidos, pois ao mesmo tempo em que perdiam muito tempo de contato com a bola, estes períodos também propiciavam momentos de descontração, conversas e brincadeiras. Nestes momentos de ócio e de tédio frente às atividades proposta, as meninas faziam “bagunça”, algumas gritavam, outras se sentavam no chão, outras saíam da fila em busca de outras bolas, dançavam e viravam estrelas. Estes casos foram vistos por nós como uma forma de resistência àquele formato de treino, que as desagradava, de modo a tensionar o que lhes era proposto pelo professor. Os professores, via de regra, respondiam a essas ações de forma repressora, ordenando silêncio e pedindo concentração durante os treinos. Ao mesmo tempo, e ambigualmente, essas atitudes por vezes obrigava o professor a repensar a atividade proposta ou, em outros casos, o incômodo causado pela não docilização daqueles corpos na fila repercutia em broncas dadas no fim da aula.

Bola murcha: dificuldades da observação de um campo de corpos em movimento

Certo dia, em uma das entradas em campo, fui convidada pelo professor e pelas alunas a compor o time durante uma das partidas. No decorrer do jogo cometi alguns erros inclusive em um lance em que que repercutiu em gol. Perdemos o jogo naquele dia. Me sentia desconfortável durante o jogo, por vezes as meninas optavam por não passar a bola. O fim do jogo foi tomado por um clima de tensão. Algumas garotas do meu time estavam bem tristes pela derrota e algumas talvez estivessem me ignorando.

Por meses tive a impressão de que era ignorada por parte das garotas que jogaram no meu time naquele dia, fazendo com que eu perdesse totalmente a interlocução com elas.

Esse fato além de deixar claro um espírito de competitividade entre elas, também demonstrou que a prática de exclusão não acontece só nos jogos em que participam meninos e meninas, mas também ocorre entre elas, devido ao fator de habilidade ou falta dela.

FIM DO PRIMEIRO TEMPO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser menino e praticar esportes, principalmente o futebol, é visto cotidianamente como algo natural, sendo a não prática motivo de estranhamento. Já para as meninas, a participação nesses tipos de espaços, é repleto de proibições, negociações e transgressões. Primeiro elas são proibidas de jogar porque esporte não é coisa de meninas, depois elas precisam ser lindas, delicadas ter a pele bonita e por fim devem ser boas no esporte, ou seja, correr, chutar, treinar. Todas essas contradições fazem parte do cotidiano da maioria das meninas e refletem diretamente em seu saber-aprender.

Essa compreensão nos permite ir além da descrição de como se comportam esses sujeitos, e repensar os modelos de aulas propostos para essa modalidade esportiva. Uma leitura que ultrapasse o senso comum acerca da participação de meninas no esporte e que envolvam as discussões atuais sobre gênero, pode ser uma das ferramentas eficazes na promoção de espaços mais acolhedores e de um avanço no acesso de meninas à prática do futebol. Demonstrando como as diferentes feminilidades são colocadas em movimento, negociadas e transgredidas num ambiente cujos discursos culturais as colocam fora, como corpos não legítimos, desclassificando suas performances e presenças, a pergunta que nós perseguimos agora é: em que momento essa pluralidade de performances de feminilidade vai sendo abandonadas pelos agenciamentos cotidianos, em prol de aspectos relacionados a um campo de masculinidades. A presença da pluralidade de feminilidades nos faz pensar, tal como questiona Messner, que não basta lutar para que esses corpos, que não performatizam a masculinidade hegemônica, tenham espaço, mas que o próprio esporte acolha e veicule outras performatizações.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MESSNER, Michael A. Barbie girls versus sea monsters: Children constructing gender. **Gender & Society**, v. 14, n. 6, p. 765-784, 2000.

OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Na “periferia” da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 237-254, 2014.

OLIVER, Kimberly L.; HAMZEH, Manal; MCCAUGHTRY, Nate. Girly girls can play games/las niñas pueden jugar tambien: Co-creating a curriculum of possibilities with fifth-grade girls. **Journal of teaching in physical education**, v. 28, n. 1, p. 90-110, 2009.

CÓMO ELLAS JUEGAN EL FÚTBOL: PASOS METODOLÓGICOS PARA LA INVESTIGACIÓN DE GÉNERO Y DEPORTE

Resumen: Este texto tiene como objetivo describir un contexto de enseñanza-aprendizaje-entrenamiento del fútbol para niñas, buscando comprender la producción de significado y los factores que contribuyen a la movilización para el juego. Por lo tanto, reflexionamos sobre las herramientas utilizadas para la observación de este campo, teniendo el marcador de género como uno de sus principales objetos. Desde una mirada al campo cubierto por el lente de la etnografía y pauteado en un análisis basado en Bernard Charlot, señalamos formas únicas de experimentar el deporte y proponemos una lectura que va más allá de la descripción de los temas siendo capaz de promover espacios más acogedores para el acceso de niñas en la modalidad.

Palabras claves: Género; Deporte; Pedagogía del deporte.

Recebido em: 05/10/2019

Aceito em: 05/12/2019